

4.

A rivalidade

4.1

A disputa, o ciúme, a inveja

Freud ([1917] 1993) menciona o irmão que chega como o intruso, o rival com o qual se vai disputar o amor da mãe e posteriormente do pai, amor esse que se queria exclusivo. Através de uma recordação de Goethe e do relato de um cliente seu, conclui que este ciúme pode ser expresso por meio de uma ação simbólica como arremessar louça pela janela, que ao se partir traduziria o desejo de eliminar o rival. Os ciúmes advindos do nascimento de um novo irmão eram considerados como sendo derivados do ciúme e da rivalidade reprimidos em relação aos pais. O pequeno Hans (Freud, [1909] 1993) tinha três anos e meio quando sua irmã Hanna nasceu. Freud pode acompanhar o sofrimento e a aversão do menino pela irmã, através do pai das crianças, que era seu cliente. O menino Hans precisou se submeter a uma diminuição na atenção e cuidados que recebia da mãe, que passou a dividir com a irmã. Freud registrou a manifestação de ciúmes do menino. Em ocasiões que as visitas elogiavam a bebê, Hans dizia: “é, ela é engraçadinha, mas não anda, não fala e não tem dentes”.

Ao descrever o caso clínico da jovem homossexual, Freud ([1920] 1993) ressalta a importância que a rivalidade fraterna exerce na escolha de um objeto sexual. Sua mãe a havia relegado ao segundo plano em relação aos irmãos. A silhueta delgada, a beleza e o caráter áspero de sua eleita lhe recordavam o irmão um pouco mais velho. O objeto escolhido não correspondia somente a seu ideal de mulher, mas também a seu ideal de homem.

Cada novo membro que chega à fratria reaviva as rivalidades, modifica a distribuição dos papéis. A chegada do terceiro filho desloca o caçula de seu lugar, ao mesmo tempo em que faz o mais velho reviver o deslocamento sofrido por ocasião do nascimento do segundo; seus pais vão estar menos disponíveis para

ele. Os sentimentos de ciúme não poupam nenhum dos irmãos da fratria; enquanto o mais velho lamenta a atenção dispensada ao menor, o caçula pode ter ciúmes das relações do mais velho, anteriores ao seu nascimento, das prerrogativas e conquistas de que ele usufrui devido à idade; o filho do meio, por sua vez, pode questionar o fato de haver sempre um que manda e um que é mimado. A fratria é o lugar da competição: enquanto os menores querem igualar e superar os mais velhos, estes querem conservar sua superioridade.

Os irmãos possuem uma necessidade e um desejo comum, a saber, o amor preferencial dos pais. Essa condição transforma-os em um grupo com grande potencial na criação de desafetos, podendo vir a transformá-los até mesmo em adversários. A dinâmica familiar poderá levar os irmãos a uma competição saudável e equilibrada na busca de satisfazer sua necessidade emocional, ou ao contrário, promover animosidade e a criação de inimigos.

As disputas fraternais são comuns à maioria das famílias, apesar das diferenças de valores, estilo ou filosofia de vida de cada uma delas. O grupo de irmãos disputa tudo: o controle remoto da televisão, o lugar onde sentar no carro dos pais, o ossinho da galinha para ver quem vai ter seus desejos realizados, quem tira notas melhores, quem tem mais amigos e assim sucessivamente. O que importa é competir. Perde-se em um dia, em outro o jogo recomeça e pode-se ganhar.

Essas disputas, características de todo grupo fraternal, têm um caráter mais lúdico do que agressivo. A finalidade é conquistar e preservar um espaço dentro do grupo, garantir uma individualidade, buscar o atendimento satisfatório de interesses e necessidades e ocasionalmente desfrutar das vantagens do poder.

Dois irmãos, uma menina com quatro anos e um menino com 3 estão passando dias na casa dos avós enquanto seus pais viajam. Voltando de um passeio, ao entrar na rua, que poderia ser caminho para a casa dos avós ou para a dos pais, a menina determina: 'R.(ela) vai para casa da vovó, S. (o irmão) vai para casa'.

Além de saudáveis, as disputas são importantes, pois ensinam a administrar os sentimentos relativos a perdas e ganhos, apontam limitações e modos de tentar superá-las, mostram as questões em que têm maior facilidade e a forma de valorizá-las, promovem alianças, ensinam a dividir, a compartilhar, a solidarizar-se e a postergar (Britto, 2002).

Uma cliente comenta na sessão:

‘H. (seu filho) foi criado como filho único (seu irmão é deficiente) e por isso não temeu a competição e pensa que o que os outros falam não tem importância’.

A cliente lamenta que a falta de um irmão com potencial competidor tenha possibilitado que H. se sentisse e agisse como o “rei da cocada preta” segundo suas palavras.

O irmão e a irmã desempenham, entretanto, um importante papel na constituição do sujeito, maior do que a disputa pelo amor materno/paterno pode sugerir. O ciúme tem importância na construção da personalidade: o outro permite a cada um dos irmãos se definir melhor, através da percepção do jogo das semelhanças e diferenças entre si.

Dois irmãos com três e dois anos estão passeando de carro com os pais, cada um sentado próximo a uma das janelas. No trajeto um exclama: ‘U. vê carro, V. não vê’. Em seguida, um pouco adiante, o outro diz: ‘V. vê neném, U. não vê’. Ambos estavam se referindo ao que cada um via pela janela junto à qual estava sentado. Pensamos que estavam tomando conhecimento de si pela comparação, pela diferenciação com o irmão.

A dimensão lateral da vida psíquica, vivenciada por meio dos relacionamentos com os irmãos e seus substitutos, se estrutura ao redor de um desafio psíquico: encontrar a sua singularidade em um mundo de outros semelhantes. Assim como a dimensão vertical (parento/filial), a lateral é repleta de conflitos e ambivalência. Sua resolução pode ser alcançada por meio de um processo de diferenciação, um processo de desenvolvimento da identidade ativo e inconsciente por meio do qual a criança amplifica as diferenças com os irmãos e minimiza as semelhanças. Ela acentuaria as qualidades e desejos diferentes dos percebidos no outro e simultaneamente suprimiria as qualidades percebidas como semelhantes. A diferenciação entre os irmãos serve para atenuar sua rivalidade e aliviar o conflito interno associado à dimensão lateral, ocupando um lugar impar no desenvolvimento (Vivona, 2007).

Segundo Melanie Klein, a inveja como conceito, termo trabalhado pela autora em 1924, designa um sentimento primário e inconsciente de avidez em relação a um objeto que se quer destruir ou danificar; aparece desde o nascimento e é inicialmente dirigida contra o seio da mãe. Podemos pensar que tanto os

componentes destrutivos da inveja primária do peito quanto a ambivalência em relação à mãe boa/má, teriam sido deslocados para o irmão/rival como forma de proteger a mãe e preservá-la para si.

O conflito com a figura materna estaria colocado na relação fraterna, fora da elaboração edípica. Os ciúmes que acompanham a situação edípica podem se converter em um meio para elaborá-la; ao aparecer o sentimento de ciúmes, a hostilidade se dispersa do objeto original (mãe) para os rivais (pai ou irmãos) introduzindo um efeito de dispersão. A elaboração da inveja através dos ciúmes poderá, por sua vez, se constituir em uma defesa eficaz contra a inveja. Os ciúmes poderão ser mais bem aceitos e não produzir tanta culpa quanto a inveja primária que destruiria o primeiro objeto bom. Ao se desenvolver, essas relações, por sua vez, darão origem a sentimentos de amor e se transformarão em uma nova fonte de gratificação (Klein, 1970, 1974; Roudinesco & Plon, 1998).

Klein considera que a relação com os irmãos e irmãs vai desempenhar um papel fundamental nas subseqüentes relações de vida; todas as crianças sofrem fortes ciúmes tanto dos irmãos maiores como dos menores. As crianças menores, que aparentemente não têm conhecimento sobre geração e nascimento, têm o conhecimento inconsciente de que as crianças crescem no útero da mãe. Os ciúmes direcionariam um grande ódio contra esse irmão ainda no útero. Durante a gravidez da mãe, são típicas as fantasias que consistem em desejos de mutilar o útero. Melanie Klein vem a ser uma grande teórica da relação de agressividade e ódio que o homem mantém com seu semelhante. A autora utiliza o termo gratidão em 1957 para nomear a natureza interativa e dialética do dualismo amor/ódio. A existência da gratidão, porém, não impõe limites à natureza invasiva da inveja, o que faz com que a autora seja cética em relação à possibilidade de um resultado terapêutico positivo, nas análises em que a relação de objeto primária foi vivenciada de modo destrutivo (Klein, 1970, 1974, 1981; Roudinesco & Plon, 1998).

Ao considerar que a inveja se refere ao desejo de posse dos atributos de uma figura parental ou irmão, tais como pênis, força, seios, Neubauer (1983) afirma que ela se localiza nos vários níveis de desenvolvimento, desde o desejo de incorporar à inveja dos atributos possuídos, incluindo a competição fálica com a conseqüente ansiedade de castração. Caso a inveja insista em obter o que é realisticamente inalcançável, estamos diante de um teste de realidade desafiado

em que o poder das fantasias e do desejo de completude desempenhará um sério efeito na estrutura psíquica. Ao contrário da rivalidade e do ciúme, que são definidos no contexto de relações triádicas, a inveja é a expressão de uma relação diádica, sem focalizar diretamente uma terceira pessoa.

A homogeneidade e heterogeneidade, ligadas à diferença dos sexos e ao tamanho dos grupos, vão influir no grau de variação das brigas. Se o grupo de irmãos é pequeno, formado por dois ou três irmãos de ambos os sexos, as disputas costumam ser menores, uma vez que a diferença de necessidades e interesses ameaça menos seus espaços e individualidades. Os pequenos grupos homogêneos, de dois meninos ou duas meninas, normalmente disputam mais, por terem necessidades semelhantes. As disputas fraternas podem funcionar dentro de contratos fechados, em que as brigas ocorrem somente dentro do grupo, ou com contratos abertos, em que os irmãos recorrem a grupos externos, como amigos, colegas de escola e outros, para ajudá-los a ganhar a briga dentro de casa.

Relato de uma cliente, em sessão, a respeito de suas três tias-avós que mantêm disputas diárias. A caçula, com 90 anos, reclama com a mais velha, com 99: ‘você sempre me humilhou; me chamava de feia, horrorosa’. A senhora mais velha responde: ‘porque era e é até hoje’. Atualmente, essa senhora de 99 anos, que apesar da idade mora sozinha, quando adoece vai para a casa das duas irmãs mais novas, que moram juntas, para ser cuidada por elas. Elas têm o maior “prazer” em cuidar dela, pois nisto consiste sua vingança: mostrar-lhe que ela depende delas.

As disputas diárias entre os irmãos nada têm a ver, entretanto, com a rivalidade que possa surgir entre eles. Na rivalidade fraterna, as brigas transformam-se em batalhas, possuem um objetivo diverso e são consideradas disputas patológicas. A rivalidade fraterna crônica, por sua vez, se sustenta no tripé inveja, ciúme e competição. Quando esses três elementos se estabelecem como um padrão fixo de relacionamento do grupo, podem se transformar em poderosos instrumentos mobilizadores de uma guerra interminável, a rivalidade fraterna (Britto, 2002).

Uma cliente relata, entre espantada e revoltada, durante a sessão:

‘Veja só, o que aconteceu com minha empregada!
Doente, ela faltou dois dias e telefonou ontem à noite,
dizendo que o médico mandou ela ficar mais dois dias

de repouso, mas que ela vinha hoje. Sabe por quê? Ela disse: dona G., minhas irmãs não me dão mole! Me vêm em casa e mandam as crianças para ficar comigo; eu descanso mais aí.’

Segundo a cliente, sua empregada paga às irmãs uma mensalidade para tomarem conta de seus filhos enquanto ela trabalha: daí sua revolta com a atitude das irmãs de sua empregada, uma vez que seriam pagas no fim do mês por esses dias em que, ela, doente, ficou em casa.

Neubauer (1983) define rivalidade como a competição entre irmãos pelo cuidado exclusivo ou preferencial por parte da pessoa que eles compartilham. Esta definição se aproxima do significado original da palavra, pois rivalidade era a luta pelo acesso ao rio, isto é, pelo suprimento básico da água. A rivalidade envolve uma luta pela posse exclusiva do objeto. A rivalidade não se limita a ser, portanto, uma intenção ou um desejo, mas se traduz em um ato. O ciúme já é a competição com um irmão ou figura parental pelo amor da pessoa que eles compartilham e subjacente a ele encontramos o medo da perda do amor do objeto. Ambos, rivalidade e ciúme são definidos no contexto de relações triádicas. Berlfein (2003) assinala que na perspectiva intersubjetiva, os ciúmes entre irmãos poderiam ser atribuídos não só a um desejo de exclusividade, mas também a uma distribuição desigual de amor por parte dos pais.

Relato de um cliente:

‘Meu irmão roubou as estátuas, peças únicas que meu pai trouxe de viagens de trabalho. Ele é assim, fez a mesma coisa com os livros que eram do meu pai; ganhou uma estante, pegou livros que achou que ia ficar bonito nela, enfeitar. Não ia ler nenhum’.

A queixa do cliente é que sua mãe protegeria o irmão, deixando-o pegar o que quisesse do espólio do pai, sem se importar com os outros filhos. A mãe, além de proteger o irmão, facilitaria que este “roubasse” o pai deles.

Outra cliente conheceu seu avô e seu tio paterno na idade adulta, por ter nascido fora do casamento de seu pai. Em uma sessão comenta:

‘A família do meu pai (pai, mulher e filhos) não se dá com a de meu tio (irmão do pai); brigaram por herança de jóias quando minha avó morreu. Bobagens. Meu

irmão é revoltado, diz que o vovô prefere as outras netas porque tem conta conjunta com uma. Ora, ela é responsável, vovô precisa que alguém cuide das coisas dele. Sempre vi vovô falar bem de todos os netos, inclusive de mim’.

Kancyper (2004) estuda o protesto fraterno, em que um dos irmãos manifesta uma agressão franca e uma rejeição indignada em relação ao outro irmão, que julga desfrutar de um lugar favorecido e injusto. Não esconde sua hostilidade porque na lógica de seu narcisismo a presença do outro é vivenciada como a de um rival e intruso que atenta contra a legitimidade de seus direitos e ressignifica o “homem lobo do homem” subjacente na vida anímica. Nos protestos fraternos circulam uma ampla gama de afetos, fantasias, e poderes hostis não somente do irmão maior para o menor, mas também deste para o mais velho. O caçula pode acumular uma intensa rivalidade para com o maior, originada, talvez, pela relação de domínio entre eles durante o período infantil e pelos sentimentos de culpa suscitados pelos pactos secretos que cada filho estabelece com uma ou com ambas as figuras parentais. O protesto fraterno se origina na quebra da crença narcisista do poder ilimitado de “sua majestade o bebê”. A presença do outro derruba essa crença inconsciente de ser não apenas o mais importante, mas de ser “o único”, crença essa que tenta desmentir, nas realidades psíquicas e materiais, a iniludível e estruturante confrontação fraterna, limite dessa fantasia onipotente. Por outro lado, a fuga parcial ou total do ato de confrontação gera efeitos inibitórios e excludentes, como consequência de uma comparação e competição inexpugnáveis e não resolvidas com o outro.

Outro fator a ser considerado na relação fraterna é a transmissão psíquica. Segundo Freud ([1913] 1993), se os processos psíquicos não continuassem de uma geração à seguinte, superando a interrupção da morte, se cada um devesse adquirir novamente toda sua postura frente à vida, não haveria progresso nem desenvolvimento nesse âmbito; surgem então duas questões: conhecer o grau de continuidade psíquica que se pode supor na série de gerações e os meios e caminhos de que se vale uma geração para transferir à seguinte seus estados psíquicos.

Observamos a desavença fraterna se repetir em mais de uma geração na família de A. Eram três irmãos na primeira geração. Esses três irmãos não se

falavam entre si. Os pais de A. tiveram cinco filhos, e seus dois tios, dois filhos cada. A. se relaciona bem com suas duas irmãs, relativamente bem com um irmão, mas não com sua esposa. O outro irmão não se relaciona nem com A. nem com uma de suas irmãs. Por ocasião da festa de quinze anos de sua filha, A. enviou um convite a esse irmão. Este o devolveu rasgado, por um assessor. A filha de A. lembra que quando era pequena e ia com seus pais à casa dos avós maternos, se ao chegarem esse tio lá se encontrasse, ele se retirava. Os dois primos, filhos de um dos tios de A. se relacionam relativamente bem, mas os outros dois, filhos do outro tio, vivem em eterna briga, não se falam e para resolver alguma questão dos cuidados com seu pai idoso utilizam a intermediação de terceiros.

Lembremo-nos da formação da fraternidade, segundo Freud ([1913] 1993). A inveja e o ciúme, sentimentos nunca de todo eliminados, fizeram parte da base afetiva sobre a qual se construiu e se manteve a renúncia coletiva ao lugar de pleno poder, antes ocupado pelo pai. A necessidade de controlar a rivalidade fraterna permitiu o nascimento e permite o renascimento do senso e da exigência de justiça.

4.2.

Os irmãos no Antigo Testamento

A Bíblia, por meio do Antigo Testamento, enquanto transcrição de mitos e lendas transmitidos oralmente pelas gerações e sendo o primeiro livro impresso, narra a epopéia da inimizade entre irmãos. Ela nos fornece uma série de relatos que ilustram o antagonismo fraterno, tais como: O patriarca Abraão e seus filhos Isaac e Ismael, Isaac e seus filhos Esaú e Jacob, Caim e Abel, José e seus Irmãos, As irmãs.

4.2.1.

O patriarca Abraão e seus filhos Isaac e Ismael

A história dos irmãos Ismael e Isaac revela a luta universal pelo lugar de “filho escolhido”, de verdadeiro herdeiro do amor e favorecimento dos pais. Roith (2006) faz um estudo desse mito. Deus manda Abraão matar seu filho Isaac: “Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaac, a quem amas, e vai-te à terra de

Moriá, e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi” (Gen 22, 2).

Essas palavras, consideradas o momento definidor do Judaísmo, situam-se, na realidade, no entrecruzamento das três religiões monoteístas. O que para o Judaísmo e Cristianismo é considerado como o “compromisso de Isaac (ligação com Deus – Akedah em hebraico)” no Islamismo é conhecido como “sacrifício de Ismael”. Elas representam o mito fundador da saga do monoteísmo, cujos herdeiros encontram-se, ainda no presente, enredados em disputas: Judeus, Cristãos e Muçulmanos podem-se denominar “os filhos de Abraão”.

Vejam as implicações das relações fraternas subjacentes ao mito da Akedah. Quer os personagens envolvidos tenham existido ou não, eles permaneceram como reais no imaginário popular. A história de Abrão, espinha dorsal do Judaísmo e do Cristianismo, aparece em uma versão diferente, porém com a mesma importância, no Islamismo. Seguidores e adoradores em todo o mundo celebram os acontecimentos relativos ao mito através do ensino, das preces, dos rituais e dos costumes. As desavenças entre o Islam e o Ocidente, entre judeus e árabes (os primeiros muçulmanos) podem ter sua origem na história dos dois filhos de Abraão. A relação do Cristianismo e Judaísmo, em si tensa, por um lado, com o Islam por outro, tem sido obscurecida pela omissão da complexidade da relação entre Ismael e Isaac.

O Antigo Testamento mostra a grande diferença entre o relacionamento de Abraão com seu filho mais velho, Ismael e com o mais novo, Isaac. A fé de Abraão começa com a exclusão de um filho em favor de outro. Há uma diferença de afeição, privilégio, herança e fundamentalmente da identidade do filho escolhido para ser, ao mesmo tempo, o sacrificado e o favorecido por Deus.

Sara, mulher de Abraão, não conseguindo conceber, dá sua serva egípcia Hagar, para Abraão com intuito que este a engravide e faça cumprir a profecia de Deus de transformá-lo em pai de um grande povo. Conforme a tradição árabe e posteriormente muçumana, Hagar seria a segunda esposa de Abraão. Hagar engravida e, muito contente com seu novo papel, desperta a inveja de Sara, que se sente menosprezada (Gen 16, 5). “E afligiu-a Sara e ela fugiu de sua face (Gen 16, 6)”. Hagar é encontrada por um anjo do Senhor que lhe diz que volte, que se humilhe diante de Sara e que ela terá um filho a quem chamará de Ismael (ouvido por Deus) que também será pai de multidões (Gen 16, 10). Nasce Ismael e Deus

renova sua promessa a Abraão que ele terá descendentes tão numerosos como as estrelas no céu e os grãos de areia à beira mar. Abraão pensa que Deus se refere a Ismael, mas Ele esclarece que Sara conceberá Isaac com quem Deus fará um pacto. Posteriormente Sara engravida, concebe Isaac, cumprindo a segunda profecia de Deus e vai então exigir que Abraão expulsa Hagar e Ismael, para que este não herde com seu filho.

Ao exigir o sacrifício de Isaac, referindo-se a ele como “único filho amado”, segundo Roith (2006), Deus nos coloca diante de uma situação desconcertante, pois Isaac é o segundo filho de Abraão. Ao ser expulso para o deserto com sua mãe, Ismael é rejeitado não só por seu pai, família, tribo, mas também por Deus. Ele não é excluído da promessa divina, entretanto, pois um anjo diz a Hagar mais uma vez que Ismael será pai de um número incontável de filhos (Gen 16, 10). A profecia de seu destino, porém, é muito diferente da de seu meio-irmão: “e ele será homem bravo e a sua mão será contra todos e a mão de todos contra ele (Gen 16, 12)”.

O texto hebraico do Gênesis é fonte de sucessivas interpretações da história do sacrifício e inclusive para os primeiros sábios muçumanos é seu relato definitivo. A Torah (Antigo Testamento hebraico) permanece sendo para o Islam o “Livro de Deus” e Abraão, Isaac, Ismael ainda são reverenciados como profetas. Como lidar então com esse começo em que seu pai fundador (Ismael) ocupa o lugar do rejeitado? Questionando a autenticidade do relato bíblico. Antes do advento do Islamismo, a afinidade entre judeus e árabes era notória para os sábios cristãos. Judeus e árabes se debruçavam sobre as escrituras hebraicas e seus comentários. Nos primeiros séculos da era muçumana (que começou em 622 dC) a crença que ambos, Velho e Novo Testamentos, haviam sido falsificados por judeus e cristãos respectivamente ganhou terreno. O “povo do livro” (judeus) é repreendido por negar as revelações de Deus. Consideram que Ismael era o único filho de Abrão na época e, portanto o filho escolhido para dar origem a uma “grande multidão (árabes)” que governaria Canaã. A versão do Corão descreve Ismael como “um filho inocente” (ao invés de um pária violento como na Bíblia) lembrando a imagem bíblica de Isaac que posteriormente é descrito pelos rabinos como “o primeiro dos grandes meigos” da Bíblia, o “inocente dócil” das preces matinais hebraicas.

A Akedah também exerce um papel importante no Cristianismo. Há 42 gerações entre Abraão e Jesus Cristo. As palavras de abertura do Novo Testamento são “Livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão (Mat 1, 1)”. A feição redentora da história do sacrifício de Isaac faz parte da teologia cristã. O fato de Abraão oferecer em sacrifício “seu único filho” e este filho mostrar o amor por seu pai através da obediência transforma a história da Akedah em uma analogia com o sacrifício de Jesus aos olhos da Igreja (Isaac e Jesus carregaram a madeira para a sua provação no Monte Moriá).

As duas versões da Akedah consideradas em conjunto mostram como ambos Judaísmo e Islamismo reivindicam que seu pai fundador era o filho preferido de Abraão, o filho escolhido por Deus para o sacrifício. Esta reivindicação formou a base para o suposto direito a uma identificação exclusiva com o que é correto moralmente e com o poder, um direito considerado justificado pela descendência sagrada.

Considerando que o povo árabe descende de Ismael e o povo hebreu considera Isaac um de seus patriarcas, podemos inferir que a relação não elaborada entre os irmãos se fixou através dos séculos nesse primeiro estágio de rivalidade mortífera. Talvez o mito de Abraão e seus dois filhos nos forneça algum subsídio para o entendimento do ódio ancestral que se mantém através dos tempos entre árabes e judeus. Lembremo-nos que esse ódio advém do direito que cada parte considera ter na disputa eterna pela terra que outrora teria sido legada por Jehová (Deus) a Abraão, pai de Isaac e Ismael (Berlfein, 2003).

Desde novembro de 2006, porém, está em curso um projeto sob os auspícios do Departamento de Negociações de Conflitos da Universidade de Harvard, o Projeto Caminho de Abraão. A idéia é possibilitar que as três religiões venham a ter um marco simbólico de sua relação familiar e espiritual com esse ancestral comum, através de um roteiro de caminhada que Abraão teria seguido em sua jornada até Canaan (Turquia, Líbano, Síria, Jordânia, Israel). O projeto almeja criar uma integração simbólica nessa conturbada região, onde irmãos acentuam suas diferenças e têm dificuldade em reconhecer no outro suas semelhanças (Bonder, 2006, 2008).

Lembremo-nos que houve um período em que a Espanha testemunhou o encontro entre a África, o Mundo Árabe e o Ocidente, bem como entre o Islamismo, o Cristianismo e o Judaísmo. Este período, considerado um símbolo

para as propostas de diálogo cultural e inter-religioso, durou oito séculos, de 756 a 1492, ano da expulsão dos judeus e muçulmanos da Espanha.

Observamos que católicos judeus e muçulmanos utilizam o mesmo símbolo para representar e invocar proteção. A mão espalmada, “mão de Fátima” para os católicos, é encontrada com o nome de “hamsa”, palavra árabe que significa cinco, entre os judeus e de “Fatma nin eli” entre os muçulmanos, que também se traduz por mão de Fátima. Podemos encontrar este símbolo em objetos de uso pessoal tais como chaveiros, pingentes usados em bijuterias e jóias e ainda, nesse caso mais entre judeus e muçulmanos, como adorno de residências quando costuma ser colocado perto da porta de entrada da casa.

4.2.2.

Isaac e seus filhos Esaú e Jacob

Segundo Roith (2006), Isaac, ele mesmo uma criança que participou, apesar de não intencionalmente, de um drama de favoritismo parental, traição e abandono, veio a ser, não coincidentemente se pensarmos em transmissão psíquica, pai de dois irmãos invejosos e cobiçosos, Esaú e Jacob. Eles protagonizam dois episódios, o da venda da progenitura e o da rivalidade.

A rivalidade entre os irmãos Esaú e Jacob propiciará o roubo da bênção para o primogênito. Tendo Isaac envelhecido, não podendo enxergar mais, e estando incerto quanto à data de sua morte, chamou Esaú e pediu-lhe que caçasse um animal, fizesse um guisado conforme o gosto dele, Isaac, e lho trouxesse para comer. Ele o abençoaria perante Deus antes que morresse. Rebeca, a mãe, ouviu essa conversa entre pai e filho e procurou Jacob, seu filho preferido, para que este fizesse o que o pai havia pedido a Esaú. Ela preparou o guisado, vestiu Jacob com as roupas de Esaú e o cobriu com peles de cabrito, para que ele passasse pelo irmão peludo perante o pai. Assim, Isaac foi enganado e deu a Jacob as bênçãos destinadas a Esaú. Este, revoltado, sentindo-se roubado duas vezes pelo irmão, na progenitura e na bênção paterna, jurou matar o irmão quando seu pai morresse. Rebeca envia então Jacob a seu irmão, Labão, para escapar da ira de Esaú. Anos depois, após Jacó ter casado com Léia e com Raquel, os dois irmãos se encontram, Esaú corre ao encontro de Jacob, abraça-o, beija-o e ambos choram (Gen 33, 1-4).

Seria a cegueira de Isaac uma forma de “fazer vista grossa” ao que se passava? Ele já havia “desviado a vista” de dois acontecimentos importantes em sua vida. Em primeiro lugar quando seu próprio pai, com a faca na mão em obediência a um Deus possessivo, colocou sua vida em risco; foi necessário ignorar a situação em que o lugar de filho amado e “único” foi vivenciado como perigoso e psicologicamente catastrófico. Posteriormente foi preciso não tomar conhecimento do seu papel, apesar de não intencional, no exílio forçado de seu irmão mais velho. Estaria ele concordando, em conluio com Rebeca, com a substituição do primogênito pelo caçula? Poderia sua cegueira ser uma “escuridão” que favorecesse que ele fosse traído, como expiação pela traição em que havia sido um dos personagens, e que por sua vez traísse seu próprio filho mais velho numa repetição dos acontecimentos através das gerações?

Essa estória ilustra não apenas um caso de rivalidade, mas também como ao escolher um dos filhos para favorecer em detrimento do outro, os pais falham em prover seus filhos com as condições de desenvolvimento essenciais para que as relações entre eles possam prosperar. O mito de Esaú e Jacob demonstra o investimento narcísico de cada um dos pais em manter o seu filho preferido separado do irmão e identificado simbioticamente consigo ao invés de favorecer o desenvolvimento do sentido de um self separado e não ameaçador entre os irmãos.

4.2.3.

Caim e Abel

O mais famoso dentre esses relatos a respeito da rivalidade fraterna e o mais citado pelos autores é o que nos conta a história de Caim e Abel (Gen 4, 1-16). O primeiro casal parental, Adão e Eva, tiveram dois filhos varões, Caim e Abel. Estamos diante da primeira família e do primeiro grupo fraterno do mundo, composto por dois irmãos do mesmo sexo, o que poderia levar a uma competição maior, devido aos mesmos interesses. Caim seguiu o ofício do pai, foi ser lavrador e Abel, pastor de ovelhas. Ambos trouxeram oferendas de seu trabalho, colheita e ovelhas, para o Senhor, mas este atentou apenas para Abel. O Pai teria gostado muito da oferenda do mais novo e desdenhado a de Caim. Este, diante da preferência de Deus por seu irmão, e não aceitando o fato de não ter sido o escolhido, mata Abel.

Pensemos nesse episódio levando em conta os seus antecedentes: Caim, enquanto primeiro filho, deve ter pago o preço da inexperiência de seus pais. O nascimento de Abel, provavelmente, trouxe como consequência o ciúme do irmão mais velho, e talvez seus pais não tenham sabido administrar o ciúme e a inveja que tal acontecimento despertou. E, se para culminar, Caim foi preterido por seu irmão em relação ao afeto dos pais... Não há registro quanto ao fato de os irmãos terem percebido o desafeto que surgia entre eles ou se os pais tentaram evitar ou acabar com a inimizade entre os dois.

Considerando Abel um inimigo, Caim pode ter sentido a necessidade de vencê-lo ou eliminá-lo, e vendo-se incapaz de realizar a primeira opção, concretizou a segunda.

Kancyper (2004) estuda o mito de Caim e Abel como se fosse um sonho, a partir de cujos conteúdos manifestos podemos extrair os conteúdos latentes que nos revelarão o essencial da condição humana. Considera que este mito revela, através do capricho de Deus, expresso por sua arbitrária escolha de Abel, um dos conflitos mais importantes do sistema narcisista parento-filial, que se relaciona com o paradoxo crucial da mortalidade e imortalidade. Este conflito se apresenta na relação entre o pai e seus descendentes, mas é mais pregnante na relação com o primogênito em particular. O primogênito, ao nascer e anunciar ao pai por um lado sua continuidade e imortalidade anuncia também sua morte e o nascimento de uma nova geração que o substituirá. Caim sendo o primeiro herdeiro não estaria sujeito a uma maior ambivalência e rivalidade por parte do pai? Ao valorizar positivamente Abel, sem motivo aparente para isso, Deus se transforma em vilão por estar privando Caim de seu olhar de reconhecimento, que lhe havia sido prometido duplamente: pelo cronológico tribal do judaísmo primitivo e por sua dupla origem divina e terrena. O nome Caim provém do verbo hebraico “liknot” que significa comprar, adquirir e Eva afirma que “adquiri um filho com e por graça do Senhor (Gen 4, 1)”. Caim vem a ser o primeiro humano a nascer de uma mulher e da conjunção de forças divinas. A emoção violenta de Caim poderia ter sido consequência da injustiça divina. Esse mito chama a atenção do quanto a falta e a arbitrariedade parentais, além da influência do narcisismo das pequenas diferenças entre os irmãos, propiciam a gênese e a repetição dos fratricídios.

Aguinis (1988) coloca que se Caim não mata manifestamente a Deus, mata o homem que ele criou a sua imagem e semelhança. Desviando para o irmão a

hostilidade reprimida e relacionada na realidade com o abuso do poder vertical, Caim é um parricida latente e um deicida ativo e reativo face à provocação divina. Kancyper (2004) acrescenta que esse mito põe também a descoberto a aspereza consciente e inconsciente de uma relação hostil de domínio, propícia a um desencadeamento amargo de ressentimentos e remorsos, próprios da dinâmica narcisista particular entre os irmãos.

O arcaico conflito parento-filial entre a mortalidade e a imortalidade vai se revelar também nos conflitos que todos os patriarcas da Bíblia tiveram com seus primogênitos e em seus efeitos nas rivalidades fraternas. Abraão abandonou Ismael no deserto, Isaac não bendisse seu primogênito Esaú nem Jacob bendisse Rúben. Esse mítico conflito parento-filial exerce sua influência nos vínculos entre os irmãos gerando na realidade social, de sua origem a nossos dias, a compulsão repetitivas dos enfrentamentos sangrentos entre as religiões e os povos (Kancyper, 2004).

4.2.4

José e seus irmãos

Os capítulos 37 a 50 do livro Gênesis narram as vicissitudes vividas pela família de Jacob. A morte deste e de seu filho José marcam o epílogo do patriarcado como forma vertical de organização sócio-política, para dar lugar a um funcionamento tribal centrado no eixo da horizontalidade. Os descendentes de Jacob vão formar uma confraternidade integrada pelas doze tribos formadas a partir de seus filhos varões uma vez que Jacob teve doze filhos e uma filha (Berlfein, 2003).

José, nascido da união de Jacob com Léia, sua mulher mais amada, era seu filho preferido e por esse motivo resolveu presenteá-lo com uma túnica de várias cores, símbolo da investidura do poder. Com este ato designou-o como seu sucessor no lugar de Rúben, a quem caberia o direito por ser seu primogênito. Este fato despertou em José fantasias de onipotência e desejo de poder expressos nos comentários que fazia a respeito de seus sonhos e alimentou nos irmãos os sentimentos de ciúmes e rivalidade, a ponto de se unirem e planejar eliminá-lo. Optaram, entretanto, por vendê-lo como escravo a mercadores que o conduziram ao Egito. Transformaram o impulso assassino na expulsão, da fratria, do elemento

indesejável. Tal ato resultou de um consenso entre eles, sem a intervenção paterna e apesar de seu desejo.

Degolaram um cabrito, mancharam com seu sangue a túnica da discórdia e a levaram a Jacob, como se fosse o sangue de José. Há uma substituição simbólica, uma vez que não José, mas a sua túnica, símbolo de seu poder, é ensanguentada. No Egito, José passou pelas situações de escravo, prisioneiro, para finalmente conquistar um posto de importância política e econômica junto ao Faraó. Este exílio no Egito mais uma vez diferencia José de seus irmãos, pois ele volta a ocupar uma posição de preferência junto ao pai (Faraó-Deus) e assim materializar suas fantasias de onipotência (Gen 42,6).

Quando grassou uma época de grande fome em Canaan, terra da família de Jacob, este enviou dez de seus filhos ao Egito em busca de víveres. Os irmãos chegam a José para pedir ajuda sem saber com quem estavam falando e este apesar do ocorrido entre eles no passado, vai assegurar a sobrevivência e a linhagem da família. A aceitação das diferenças subjetivas e o reconhecimento, por cada um dos irmãos, de sua responsabilidade e participação nos atos cometidos no passado, propiciaram o perdão e o encontro fraterno possibilitando a construção de uma vincularidade segundo a lógica da horizontalidade (Gen 42, 21; 45, 4, 5 e 15). Como efeito das transformações subjetivas e vinculares surge a confraternidade como novo modo de organização social evidenciando pela primeira vez a intersecção entre os eixos vertical e horizontal: “Ajuntai-vos e ouvi, filhos de Jacob; e ouvi a Israel, vosso pai (Gen 49, 2)”.

No fim de seus dias, no que se constitui como ato fundante, Jacob reúne todo os seus filhos varões para bendizê-los e repartir a terra de Canaan, a terra prometida por Jehová a Abraão, Isaac e Jacob. Dina, como filha mulher, não tinha direito à sucessão e fica excluída da fratria. Tanto as bênçãos como os legados territoriais são tão diferenciados como o são cada um dos irmãos. Essa nova organização social integrada pelas doze tribos ocupará o território legado por Jacob, o último patriarca. O poder hegemônico de uns sobre os outros é substituído pela possibilidade do poder que resulta do encontro de uns com os outros.

O Gênesis nos apresenta a história das relações fraternas desde a forma mais primitivas de rivalidade (Caim e Abel) até a mais complexa de confraternidade (José e seus irmãos). A tradição judaico-cristã prefere recordar Caim e Abel a José

e seus irmãos, como se o esquema simples da rivalidade fosse mais pregnante do que o esquema complexo da convergência, o que nos dificulta pensar em termos de irmandade.

4.2.5

As Irmãs

Tractenberg (2004) estuda, nos relatos bíblicos, a rivalidade, o ciúme e a inveja entre irmãs, deflagrados pela cobiça de um mesmo homem, seja ele namorado, marido ou amante. Considera que o conflito atual seria o herdeiro do conflito infantil pelo amor do pai, para ser a preferida, e receber dele os melhores presentes, atenções e carinhos. Este conflito poderia também, entretanto, referir-se no inconsciente, onde atuam os vínculos homossexuais, à luta pela preferência do amor materno. A figura da mãe, simbolizando um seio pleno de leite e amor, ocasionaria a luta pela prioridade em receber seus cuidados e carinhos. As diferenças de idade e beleza devem influenciar na intensidade do ódio, ciúmes e rivalidade.

Segundo o autor, embora Sara e Hagar (Gen 16, 1-16; 21, 1-13) não tivessem sido irmãs, representaram esses papéis na disputa pelo amor de Abraão e pela preferência deste por seus filhos. As duas mulheres, que pela diferença de idade e pelo vínculo inicial (Hagar era a serva de Sara dada por ela a Abraão) poderiam ter assumido os papéis de mãe e filha, se converteram simbolicamente em irmãs disputando a mesma figura paterna com a rivalidade, ciúmes e inveja inerente a esse enfrentamento. Questionamos, entretanto, se esse episódio não pode ser considerado também do ponto de vista edípico, em que mãe e filha disputam o mesmo homem.

Um desses relatos trata da cumplicidade entre irmãs pela posse do pai. Refere-se a Ló e suas duas filhas e à exclusão da mãe, que morre convertida em estátua de sal (Gen 19, 31-38). Percebendo que não havia varões para coabitar, a mais velha propõe à menor que embriagassem o pai para com ele terem relações

sexuais e conceberem. Numa noite, deita-se com o pai a primogênita, e na noite seguinte a caçula, sem que Ló se dê conta do sucedido. Ambas concebem filhos de seu pai. A morte da mãe ocorreu antes da consumação do incesto. Segundo Tractenberg (2004), para dele não tomar conhecimento, e para que ele pudesse ocorrer, a mãe “olhou para trás, para Sodoma e Gomorra (o incesto das filhas com Ló)” e teve morte súbita.

Um terceiro episódio, a história de Jacob, Léia e Raquel (Gen 29, 9-30; 30, 1-24; 37, 1-36) evidencia o conflito intenso entre duas irmãs na disputa por um homem. Jacob amava Raquel, sua prima e filha menor de Labão e por ela se propôs trabalhar sete anos para o tio. Findo este prazo, Labão entregou-lhe Léia, a filha mais velha por esposa. Jacob trabalhou mais sete anos para obter Raquel. Estamos diante de uma situação de inveja e rivalidade. Léia amava Jacob, que amava mais Raquel. Léia era fecunda, Raquel estéril. Uma invejava o amor de Jacob, outra a fecundidade da irmã. Finalmente, Raquel concebe José, mas a rivalidade entre as irmãs se transmite aos filhos. Os filhos de Léia vendem José como escravo e enganam o pai fazendo-o pensar que este morrerá. Aqui vemos novamente a disputa pelo homem que representa o pai e que dará origem ao filho herdeiro predileto.